



Amabélia *Rodrigues*

TEXTO MARISA SERAFIM

DATA DA REPORTAGEM 11/2007

*Epidemiologia
Guiné-Bissau*









Amábélia Rodrigues

/ PROJECTO DE SAÚDE BANDIM, GUINÉ-BISSAU

TEXTO MARISA SERAFIM

Licenciada em Saúde Pública, Amábélia Rodrigues iniciou a sua vida profissional em 1992 na Direcção-Geral de Higiene e Epidemiologia do Estado da Guiné-Bissau, juntando-se em 1996 à equipa da Organização Mundial de Saúde, como conselheira para a prevenção e controlo de doenças. Em 2000 passa a integrar a equipa do Projecto de Saúde Bandim onde se mantém até

hoje, coordenando vários estudos com foco principal na saúde materno-infantil.

Os dias da cientista guineense são passados a analisar dados, a supervisionar estudos, a apoiar estudantes de doutoramento e a criar e educar sete filhos e sobrinhos com idades compreendidas entre os 9 e os 17 anos.

Amábélia nasceu, cresceu e viveu a maior parte da sua vida na Guiné-Bissau. Saiu apenas durante uns anos para fazer a licenciatura em Medicina na Universidade de Donetsk, na antiga União Soviética, hoje Ucrânia.

Sorri quando se lembra da sua infância, da biblioteca do pai e da competição saudável entre colegas de escola. «Acho que provavelmente tive uma infância privilegiada.» Filha do chefe da Polícia de Ordem Pública, ainda na Guiné-Bissau portuguesa, e de uma doméstica, Amábélia Rodrigues cresceu a aprender que a família vinha antes de tudo. «Éramos muito unidos e sempre me transmitiram que a família estava em primeiro lugar.» Recorda com saudade a biblioteca do pai, que era um ávido leitor. «Ele gostava muito de ler e sempre nos incentivou muito, a mim e aos meus irmãos, a estudarmos.» A atitude do pai deu-lhe a disciplina que a levou muitas vezes a estar no quadro de honra das escolas que frequentou. «Tentávamos sempre saber mais, estudar muito e ter boas notas, sempre a compararmo-nos com os outros», diz a rir.

Embora não queira cair em *clichés*, admite que foi estudar medicina por «aquilo que lhe permitia fazer pelos outros». Mas Amábélia Rodrigues pretendia trabalhar em algo mais alargado do que a medicina clínica, de «só uma pessoa», queria ter uma intervenção que atingisse muitas pessoas simultaneamente. E, assim, escolheu estudar medicina orientada para a saúde pública. Naquela altura não havia ninguém nessa área na Guiné-Bissau e o governo guineense deu-lhe uma bolsa para estudar na Universidade de Donetsk.

Aos 19 anos viu-se sozinha num país em que quase tudo era diferente do que conhecia e admite que viveu alguns momentos difíceis. A barreira mais complicada de transpor foi, sem dúvida, a da língua. «Apesar de ter estudado russo durante um ano, quando lá cheguei tive de me esforçar muito para compreender alguma coisa.»

Ao contrário do que se possa julgar, o frio da Ucrânia, para alguém habituado ao calor da Guiné-Bissau, foi tolerável e com muito humor a cientista cita a célebre máxima britânica: «Não há mau tempo, há más roupas.» «Então vestia-me conforme o



Foto: Joana Barros

Amábélia Rodrigues, 2007

tempo e o frio foi suportável.»

«Embora fosse tudo completamente diferente, acabei por me habituar.» Até a comida, que de início nem conseguia comer, foi aos poucos entrando no seu menu. «É tudo uma questão de hábito. É muito importante sermos flexíveis, tentarmos compreender e aprender com os novos contextos», defende.

Em finais de 1992, a terminar o curso e com 27 anos de idade, decide casar-se e pouco depois de ter o primeiro filho regressa à Guiné-Bissau. O marido continuou na Rússia por mais um ano para concluir o curso. Em Bissau, Amábélia é colocada no departamento nacional de luta contra a sida e colabora com a recém-criada Direcção-Geral de Higiene e de Epidemiologia do Estado.

«Quando voltei no final de 1992 comecei a trabalhar na área de epidemiologia e a fazer logo investigação. A procurar.» É movida desde o início pela vontade de aprofundar o conhecimento dos factores epidemiológicos específicos da Guiné-Bissau. «Em 1993, comecei a procurar os trabalhos que aqui se faziam sobre a sida e

entrei em contacto, pela primeira vez, com o Projecto de Saúde Bandim, que já funcionava na Guiné-Bissau desde 1978.»

Por essa altura o país era assolado por uma grave epidemia de cólera e a Organização Mundial de Saúde (OMS) e várias agências internacionais delineavam uma série de recomendações básicas que deveriam ser adoptadas e aplicadas por vários países. Na altura, a epidemiologista, que podia ter simplesmente optado por cumprir apenas o recomendado, empenha-se em perceber os factores que influenciam a transmissão da cólera no contexto específico da Guiné-Bissau. Defende que «se não conhecermos bem o que se está a passar não podemos definir uma resposta acertada».

Nas reuniões de coordenação da Direcção-Geral de Higiene e Epidemiologia começa a ter encontros mais frequentes com pessoas do Projecto de Saúde Bandim. «Começou-se a discutir a possibilidade de fazer um estudo e eles concordaram.» Embora o Ministério da Saúde não tivesse recursos, o Projecto de Saúde Bandim tinha pessoas e condições para apoiar o trabalho e por isso decidiram avançar.